



INCLUSÃO DE ADOLESCENTES EM SOFRIMENTO SUBJETIVO NO ESPAÇO ESCOLAR

Prof. M.Sc. Paola Mariel Monasterio de La Menza
Mestra pela Faculdade de Educação. Pós-graduação em Educação, Saúde e
Subjetividade. Universidade de Brasília-UNB
Orientadora Educacional da Secretaria de Educação-DF (Brasília)
Pesquisadora no grupo: "Teoria da subjetividade, educação e saúde" (CNPq-UnB)
paolamarielmonasterio@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8766561957994583>

PROPOSTA DO MINICURSO

RESUMO

Os processos de saúde mental, no contexto escolar, estão sendo discutidos em diversas pesquisas por serem motivo de preocupações nas práticas educacionais. O estudo desses processos demanda um olhar que articule educação, saúde mental e desenvolvimento humano. À luz da Teoria da Subjetividade em uma abordagem histórico-cultural de Fernando González Rey, esta pesquisa teve como objetivo compreender como se configuram, subjetivamente, quadros de sofrimento de adolescentes em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal no contexto pós-pandêmico, tendo como foco a elaboração de princípios e estratégias educativas que favoreçam o desenvolvimento subjetivo nesse contexto, além da patologização. A partir da Metodologia Construtivo-Interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa, a pesquisa envolveu um trabalho de campo de 08 meses. Diferentes instrumentos de pesquisa foram utilizados: dinâmicas conversacionais, diálogo sobre músicas, diálogo sobre desenhos, diálogo sobre história em quadrinhos, cartografia corporal e técnica de complemento de frases. Concluímos que a configuração dominante do sofrimento subjetivo adolescente na escola está marcada pela fragilidade da comunicação sobre problemas de saúde mental, assim como pela medicalização e patologização como resposta rápida e superficial para a resolução de conflitos emocionais, sociais e de aprendizagem, frequentes nas práticas pedagógicas. Enfatizamos, aqui, o protagonismo subjetivo de um indivíduo frente a uma situação de vida de sofrimento. Nesse contexto, foi relevante criar espaços de diálogo e dignidade no reconhecimento dos direitos e deveres dos estudantes na diversidade e na diferença como alternativa às práticas patologizantes e medicalizantes.

Palavras-chave: sofrimento subjetivo; subjetividade; adolescentes; espaço escolar; saúde mental.

A) APRESENTAÇÃO DO MINICURSO

Este minicurso relaciona-se com a minha trajetória profissional enquanto orientadora educacional em escolas particulares e no âmbito da Secretaria de Educação do Distrito Federal (Brasília) ao longo de 20 anos. O Serviço de Orientação Educacional se articula às demais instâncias da unidade escolar, bem como à família e à comunidade, estabelecendo uma rede social e institucional de proteção e garantia aos direitos do estudante e de melhoria da qualidade da educação.

Ao longo desses anos, têm chamado minha atenção, particularmente, os conflitos e tensionamentos que emergem entre alunos, professores e famílias, relacionados ao sofrimento subjetivo (saúde mental). Este minicurso pretende contribuir com o despreparo, a angústia e a falta de recursos dos profissionais da educação que se fazem presentes no espaço escolar no momento de lidar com as expressões diversas de sofrimento que emergem no cotidiano. Nesse aspecto, a proposta deste minicurso pretende contribuir com o Congresso CONEDU 2025 para celebrar uma educação que transforma vidas, se adapta aos desafios atuais, refletindo nos recursos simbólicos-emocionais relacionados à Saúde Mental no espaço escolar para uma educação mais humana; à luz da Teoria da Subjetividade em uma abordagem histórico-cultural de Fernando González Rey (González Rey, 1997; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017).

B) OBJETIVO GERAL DO MINICURSO

Explicar como se configuram subjetivamente quadros de sofrimento de adolescentes (em comprometimento com sua saúde mental) em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal no contexto pós-pandêmico, tendo como foco a elaboração de princípios e de estratégias educativas que favoreçam o desenvolvimento subjetivo nesse contexto.

C) JUSTIFICATIVA IMPLICITA

Muitas escolas não se sentem preparadas para receber alunos em conflito com sua saúde mental, deixando de refletir sobre o adolescente e o que essa fase da vida significa para ele e para seu desenvolvimento subjetivo.

Consideramos **desenvolvimento subjetivo** o desenvolvimento de novos recursos subjetivos que permitam ao indivíduo câmbios qualitativos em áreas diversas da vida e que lhe geram um envolvimento pessoal cada vez mais aprofundado na área em que a configuração subjetiva do desenvolvimento se organiza (grifos nossos González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, p. 73).

No desenvolvimento subjetivo, articulam-se configurações subjetivas, implicando transformações em diferentes áreas da vida de forma simultânea (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017; González Rey; Goulart; Patiño Torres, 2019). Nesse quadro, muitas vezes, não se indaga sobre o mundo desses jovens e os papéis que a sociedade os impele a cumprir, não abrindo o diálogo nos espaços educacionais, de maneira a criar tensionamentos que favoreçam seus processos de desenvolvimento. Nesse contexto, é necessário compreender as configurações subjetivas singulares de indivíduos que compartilham esse espaço marcado pela subjetividade social do qual participam. Assim, González Rey nos esclarece:

A **subjetividade social** se apresenta nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva (González Rey, 2005, p. 24, grifos nossos).

Respondendo ao nosso objetivo inicial, é possível construir reflexões que levem a possíveis práticas educativas voltadas para o desenvolvimento subjetivo de adolescentes em sofrimento subjetivo, gerando alternativas à padronização da patologização¹, que rotula o estudante e gera práticas de exclusão social. Portanto, novas formas de acolher implicam novos espaços dialógicos que traçam novos caminhos para as práticas educacionais.

D) CONTEÚDO TEÓRICO SOBRE O TEMA

Exporemos, inicialmente, a Teoria da Subjetividade (González Rey, 1997; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017) e seus desdobramentos para o campo da saúde mental de adolescentes no contexto escolar pós-pandêmico. Para os termos teóricos, consideramos a **subjetividade** como:

:

"Um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente constituída" (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, p. 27).

Seguidamente, aprofundar-nos na **educação** como um sistema de ações voltadas para o das pessoas e dos grupos sociais; a base sobre a qual essas ações ocorrem é a **comunicação dialógica** do educador com o grupo e entre os participantes dos processos. A educação como tal está muito ausente nas instituições dedicadas ao atendimento de seres humanos, como escolas, hospitais, atendimento comunitário e prisões (González Rey et al., 2017, p. 238).

A partir da Teoria da Subjetividade, o **diálogo** não é simplesmente uma comunicação qualquer. É uma comunicação com implicação emocional, sustentada por um vínculo afetivo que não anula as diferenças entre seus atores. Muitas vezes, o diálogo implica provocações, tensionamentos e questionamentos que abrem novos campos de reflexão, desdobrando-se em processos que estão para além do momento concreto do diálogo. Goulart (2023, p. 22)

Procurando compreender os indivíduos que compõem o cenário escolar abordaremos o conceito de “**adolescências**” e subjetividade com base na perspectiva da Teoria da Subjetividade. Nossa estudo, ancora-se em uma perspectiva histórico-cultural, de modo que o estudo do desenvolvimento de adolescentes é compreendido de forma indissociável dos processos históricos, sociais e culturais, enfatizando outras dimensões que permeiam os adolescentes, além do biológico. Entender “as adolescências” (Teixeira, 2020) nos permite olhar para a promoção integral das vidas juvenis, assim como para as identidades, as coletividades, em que adolescentes e jovens buscam suas próprias formas de ser, estar e transformar o espaço escolar.

Finalmente, apresentaremos o **sofrimento subjetivo** na configuração do contexto escolar. Desenvolvimento subjetivo e sofrimento subjetivo são conceitos que serão aprofundados de maneira a visibilizar alternativas à lógica patologizante, que favoreçam a **inclusão educacional** desde a singularidade e a dignidade do estudante nas instituições de ensino. Compreender um quadro de **sofrimento subjetivo** demanda uma aproximação à singularidade da produção subjetiva do outro – algo muito diferente do que vem sendo praticado de forma dominante no campo da saúde mental. Diferentes expressões subjetivas sociais marcadas por um modelo manicomial têm se capilarizado em diversos espaços sociais atualmente, a partir da objetificação do outro e da patologização do

¹ Segundo Goulart (2019), o fenômeno da patologização refere-se ao sistema de saberes e práticas sociais que opera por meio da centralidade da categoria doença, tendo por base uma concepção mecanicista do funcionamento orgânico e a certeza do conhecimento científico (Canguilhem, 2004; Capra, 1982). Tal sistema estabelece como foco a tecnologia, a produção de diagnóstico e a fabricação de medicamentos, em detrimento de outros tipos de abordagem. Nesse sentido, excluem-se do horizonte de debate as dimensões da cultura, da sociedade e da história, constitutivas da subjetividade humana.

sofrimento subjetivo (Goulart, 2024, p. 225). Assim, segundo Goulart (2024, p. 224) o sofrimento subjetivo manifesta-se como:

"Uma configuração subjetiva dominante e geradora de mal-estar para o indivíduo, tal como na definição de transtorno mental de Fernando González Rey (2011), que culmina na fragilização dos recursos subjetivos do indivíduo, reduzindo suas possibilidades de ação, reflexão e posicionamento em diferentes áreas da vida"

É de relevância construir a configuração do sofrimento subjetivo no espaço escolar, desde a singularidade da produção subjetiva do adolescente em sofrimento, para que, dessa forma, sinta-se acolhido e acompanhado, garantindo os direitos de estar no espaço escolar com dignidade. Dignidade é liberdade, respeito e responsabilidade, que, quando reconhecidos nos espaços escolares, tornam-nos inclusivos.

A emergência de sujeitos e de agentes, assim como o **desenvolvimento subjetivo**, é possível quando os adolescentes têm suas vozes vivas e atuantes, tal quando são respeitadas suas identidades, a partir da singularidade de suas próprias histórias, na elaboração de projetos que valorizem a expressão genuína e criativa

Considerar o estudante como legítimo em suas produções subjetivas singulares é um desafio, ainda mais em uma sociedade massificada, pautada por normatizações diversas. Isso implica se comprometer com espaços inclusivos, em que a escuta sensível seja o principal recurso dos atores que constituem essa subjetividade social da escola. Respeitar os processos, espaços e os limites dos adolescentes é uma forma de dar voz e visibilidade ao indivíduo no espaço escolar.

Uma **escola inclusiva** deve trabalhar no resgate da cidadania e no desenvolvimento de espaços sociais que favoreçam o engajamento de todos os estudantes, independentemente de suas limitações. González Rey, Mitjáns Martínez e Tacca (2011). As ações voltadas para a inclusão devem compreender a subjetividade em seus níveis individual e social, porque é neles que se expressa o humano. González Rey, Goulart e Bezerra (2016). É pertinente que a escola seja entendida como um espaço de convivência da pluralidade humana orientada por estratégias pedagógicas que propiciem o desenvolvimento de todos e de suas especificidades.

"Habitar um corpo com impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais é uma das muitas formas de estar no mundo" Diniz, Barbosa e Santos (2009, p. 65)

E) METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

A metodologia construtivo-interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa, é o referencial metodológico dessa pesquisa (González Rey, 1997, 2003, 2005, 2007; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, 2019). A Epistemologia Qualitativa é constituída por três princípios gerais (González Rey, 2005):

- 1) A construção do conhecimento científico como processo comunicativo-dialógico.
- 2) O conhecimento como processo construtivo-interpretativo.
- 3) O princípio da legitimação do singular como instância da produção do conhecimento científico.

O projeto de pesquisa teve a anuência do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília, sob o número de registro 70472123.1.0000.5540. Todas as estratégias e os procedimentos primaram, permanentemente, pelo acolhimento e cuidado com o bem-estar dos participantes.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, Brasília (Brasil), tendo em consideração os seguintes eixos:

Eixo 1: analisar a configuração subjetiva social do sofrimento subjetivo de adolescentes em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal no contexto pós-pandêmico, com o intuito de contribuir com o delineamento de possíveis práticas educativas voltadas para o desenvolvimento subjetivo de adolescentes em sofrimento subjetivo, gerando alternativas às práticas patologizantes e individualistas.

Com esse intuito, fui apresentada, primeiramente, pelo supervisor ao diretor da escola, em fevereiro de 2023, e aos professores na coletiva de acolhimento², em ocasião do início do novo ano letivo. Logo em julho de 2023, mediante anuência da gestão e com a autorização do Comitê de Ética³, comecei minha participação em eventos coletivos da escola, com intuito de, aos poucos, criar vínculos com os professores, gestores e equipe de apoio, permanecendo nesse processo até julho de 2024.

Nesse contexto, percebi que abordar direta e explicitamente o tema da “saúde mental” gerava certa resistência na equipe profissional da escola. Nesse sentido, para favorecer a comunicação e a construção do vínculo com os atores, passei a utilizar a expressão “**inclusão emocional**”, como recurso comunicacional, o que favoreceu a implicação da equipe profissional, de forma mais articulada à prática pedagógica. Essa expressão sensibilizou diversos profissionais da escola e mostrou-se importante para permitir o interesse deles e uma escuta sensível não apenas do outro, como também dos próprios preconceitos, julgamentos e crenças arraigadas em práticas discriminatórias e segregacionistas, que acabam silenciadas em práticas institucionalizadas e patologizantes.

Eixo 2: compreender a configuração subjetiva individual do sofrimento de um adolescente no espaço escolar, bem como recursos subjetivos orientados ao desenvolvimento subjetivo.

Durante nossos encontros, o participante trouxe espontaneamente para nossas conversas recursos próprios, como os desenhos que fazia, as músicas e os gibis que gostava de ler, de modo que o diálogo sobre esses produtos se converteu em instrumentos antes não previstos. Isso favoreceu amplamente a expressão do Kurt (nome fictício), provocando reflexões que dificilmente aconteceriam espontaneamente. O diálogo fluído com o participante da pesquisa permitiu construir, primeiramente, um vínculo pela escuta autêntica, facilitando a expressão singular no espaço dialógico e a exposição de recursos criativos como recurso comunicacional.

O uso de um conjunto de variados instrumentos serviu para provocar a expressão do participante, favorecendo o acolhimento e a abordagem de fragilidades e recursos subjetivos do participante, permitindo uma produção crítica, reflexiva e criativa.

F) RESULTADOS DA PESQUISA E NOVAS PRATICAS EDUCACIONAIS PARA NOVOS TEMPOS

Com base nas principais construções interpretativas realizadas no que se refere aos tensionamentos atuais, presentes no espaço escolar pesquisado, a **configuração subjetiva social do sofrimento subjetivo de adolescentes, em uma escola da rede pública no contexto pós-pandêmico**, onde foi feita a pesquisa, mostrou-se estreitamente vinculada à medicalização e patologização. A partir disso, podemos falar da “pedagogia do sintoma” como força dominante no cotidiano desse espaço. Isso se expressou pela dificuldade de abrir espaços dialógicos que favoreceram uma comunicação fluida, reflexiva e alicerçada em uma escuta sensível, como recurso para o desenvolvimento subjetivo dos estudantes, colocando-os, frequentemente, a partir da “objetificação do outro e da patologização do sofrimento subjetivo” (Goulart, 2024, p. 225).

² Confraternização entre professores e equipe pedagógica em geral no início do ano para acolhimento, planejamento e seleção de turmas.

³ Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (CEP-UnB), em agosto de 2023, sob o número de registro 70472123.1.0000.5540.

Essa visão pode ser vista como expressão da “manicomialização dos espaços sociais” (Goulart, 2024), não deixando espaço para a singularidade do estudante e para a complexidade de sua produção, expresso em uma paralisia diante das situações de sofrimento subjetivo, de modo que a equipe profissional da escola se sinta refém do sofrimento expresso, não como agente na busca por alternativas. Essa situação ficou em evidência e se exacerbou com o despreparo emocional e pedagógico para enfrentar os novos desafios decorrentes da pandemia.

A medicalização não surgiu apenas na construção do vínculo professor-aluno, também se relacionou com os problemas de aprendizagem, socialização e participação nas aulas. A orientação instrumentalista no uso da medicação, não apenas para aplacar um suposto “sintoma” de uma psicopatologia, mas para atingir determinado ideal social de bom comportamento, dificulta a elaboração de estratégias dialógicas orientadas ao desenvolvimento dos estudantes. Assim, o sofrimento subjetivo no espaço escolar está atravessado por relações de poder, de hierarquias, de julgamentos e expressões culturais constituídas em processos históricos e sociais. Esse conflito se constitui em práticas patologizantes e medicalizantes, longe de uma inclusão singularizada em práticas pedagógicas diferenciadas, além do “sintoma” e dos laudos, que se apoiam em políticas públicas bem-intencionadas, mas que acabam sendo a “resposta rápida” para muitos problemas pedagógicos, não se fazendo presentes a voz, o pensamento e as emoções das pessoas envolvidas. Assim, a sociedade do “sintoma” permeia a escola e acaba, em algumas oportunidades, sendo a “pedagogia do sintoma”.

A partir do estudo de caso de Kurt, foi possível concluir que a **configuração subjetiva individual do sofrimento de um adolescente no espaço escolar, bem como os recursos subjetivos orientados ao desenvolvimento subjetivo**, foram construídos pelos sentidos subjetivos gerados a partir de diferentes processos históricos de vida, tais como: a violência que sofreu quando criança, a fragilidade das relações e da comunicação com os familiares, em que se destaca a patologização, bem como em processos atuais, como dificuldades atreladas às relações e aos processos escolares pelos quais se sente “pressionado”. Esse quadro contribui a que Kurt se sinta um peso, uma carga. Isso culmina num mal-estar generalizado em sua vida, que se expressa, entre outros processos, pelas autolesões que inflige sobre si e em crises de ansiedade em momentos específicos.

Nesse contexto, o sofrimento subjetivo do estudante se mostra em diversas dimensões, nas quais se configura, por vezes, paralisante, com uma certa cristalização; em outras vezes, configura-se enquanto um sofrimento mais leve, que o paralisa em situações específicas. A experiência desses processos não possibilitou que Kurt desenvolvesse recursos subjetivos alternativos à configuração de dor dominante, culminando no processo de depressão e na posterior autolesão praticada na escola.

O sofrimento subjetivo do estudante não é expressão de uma estrutura psíquica *a priori*, tampouco definido por padrões sintomáticos, mas por uma configuração subjetiva que, em seu processo, passa a ser dominante e geradora de mal-estar ao indivíduo, fragilizando seus recursos subjetivos nos mais diversos espaços de vida. Compreender o sofrimento subjetivo requer alternativas à individualização e à sociologização, que são tendências na abordagem da saúde mental nos diversos espaços, inclusive escolares.

Kurt subjetiva o espaço escolar, em alguns momentos, como algoz, quando pratica a autolesão; em outros, como salvação, porque permite ter apoio e receber ajuda. Nesse contexto, é importante respeitar os processos, os espaços e os limites dos adolescentes, assim como construir processos de escuta qualificada, favorecendo espaços dialógicos em que o estudante se sente reconhecido em sua singularidade – um **diálogo reflexivo** que não se resume ao momento da comunicação em si, mas tem desdobramentos e geram produções subjetivas em outros momentos e espaços sociais.

As **Relações dialógicas** são favorecedoras de confiança e segurança em adolescentes. O diálogo se apresenta para a Teoria da Subjetividade como “vivência de um processo subjetivo interativo no qual os participantes são subjetivamente engajados. Ele gera caminhos alternativos que estão além do controle dos participantes” (González Rey; Mitjáns Martínez, 2019, p. 30). Porém, essas relações dialógicas não são fáceis de serem alcançadas e precisam de tempo e de investimento emocional e físico para serem construídas.

Considerar o estudante como legítimo em suas produções subjetivas singulares é um desafio, ainda mais em uma sociedade massificada, pautada por normatizações diversas. Isso implica se comprometer com **espaços inclusivos**, em que a escuta sensível seja o principal recurso dos atores que constituem essa subjetividade social da escola. Respeitar os processos, espaços e os limites dos adolescentes é uma forma de dar voz e visibilidade ao indivíduo no espaço escolar.

Nesse contexto, é de relevância construir a configuração do sofrimento subjetivo no espaço escolar, desde a singularidade da produção subjetiva do adolescente em sofrimento, para que, dessa forma, sinta-se acolhido e acompanhado, garantindo os direitos de estar no espaço escolar com dignidade. **Dignidade é liberdade, respeito e responsabilidade, que, quando reconhecidos nos espaços escolares, tornam-nos inclusivos.** Esse olhar nos permite construir a gêneses subjetiva do sofrimento do estudante, com uma maior compreensão da forma que se expressa na atitude, no comportamento, no corpo, na construção dos vínculos e em como se articula nos processos sociais, relacionais, históricos e culturais.

A **emergência de sujeitos e de agentes, assim como o desenvolvimento subjetivo**, é possível quando os adolescentes têm suas vozes vivas e atuantes, tal quando são respeitadas suas identidades, a partir da singularidade de suas próprias histórias, na elaboração de projetos que valorizem a expressão genuína e criativa. A singularidade com que o processo de desenvolvimento subjetivo de Kurt se expressou está presente na criatividade e espontaneidade como manifestações genuínas e autorais. Mais uma vez, a expressão da escola não é somente um espaço de pressão, mas também de possibilidades, visto na qualidade dos vínculos construídos. Logo, é fundamental um trabalho educativo voltado para o desenvolvimento subjetivo, que permita aos estudantes gerar recursos para favorecer sua singular compreensão de suas histórias de vida, considerando as fragilidades subjetivas como oportunidades para a criação de recursos subjetivos de uma prática profissional diferenciada.

O trabalho orientado à emergência de agentes e sujeitos, bem como ao desenvolvimento subjetivo, é possível mesmo em situações de intenso sofrimento subjetivo, sempre e quando os adolescentes sejam considerados em suas perspectivas, bem como em suas produções subjetivas singulares que emergem de histórias concretas de vida. Sustenta-se uma perspectiva que valoriza o caráter gerador do outro. Nessa perspectiva, enfatizamos o protagonismo subjetivo de um indivíduo frente a uma situação de vida de sofrimento, dentro de um processo fluido, criativo e dinâmico, que permite construir possíveis alternativas ao sofrimento, propiciando mudanças nos diversos espaços sociais de que participa e no próprio indivíduo.

É fundamental a construção de redes de apoio que permitam ofertar ao adolescente um lugar onde se valorize a convivência para o desenvolvimento desse protagonismo juvenil, onde se desenvolvam a cooperação para o cuidado e o respeito pelo outro, onde práticas integrativas favoreçam a construção autônoma do indivíduo, por meio do protagonismo em espaços onde se articulam a cultura, a educação e a saúde mental. Dessa forma, colabora-se com novos recursos advindos de diferentes setores sociais, enquanto contribuição para um possível desenvolvimento subjetivo.

REFERÊNCIAS

- ABERAZTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Aramed, 1999.
- ALMEIDA, R.; CRISPIM, M.; SOUZA, D.; PEIXOTO, S. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/educacional. **Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, v. 3, n. 3, 2018.
- ALVES, F.; FIALHO, E.; ARAUJO, J. P.; NASLUND, J. **As tendências crescentes de automutilação no Brasil: uma análise ecológica de notificações, internações e mortalidade entre 2011 e 2022**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2024.
- ANACLETO, J. M. B.; FONSECA, P. F. De que crise se trata na adolescência contemporânea? Algumas considerações psicanalíticas e educacionais. **Educação em Revista**, Minas Gerais, 37, 2021.
- ARAUJO, J.; CHATELHARD, D.; CARVALHO, I.; VIANNA, T. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. São Paulo: Estilos, 2015.
- ARAYA, R.; MONTGOMERY, A.; FRITSH, R.; GUNELL, D.; STALLARD, P.; NOBLE, S.; ROJAS, G. School-based intervention to improve the mental health of low-income, secondary school students in Santiago, Chile (YPSA): Study protocol for a randomized controlled trial. **Trials**, [S. l.], 12, p. 1-8, 2011.
- AZEVEDO, B. M. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de Covid -19. **Epidemol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, 2020.
- BAHIA BOCK, Ana Mercês. A adolescência como construção social: estudos sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE), [S. l.], v. 11, n. 1, jan.-jul. 2007.
- BARCALA, Alejandra. Desigualdades y violencias en las infancias con sufrimiento psíquico y vulnerabilidad social en Argentina. In: TOGNI, L.; MOYSÉS, M. A. **Saúde Mental Infanto-juvenil. Territórios, políticas e clínicas de resistência**. Santos: UNIFESP/Arasme, 2019.
- BARROS, J. P.; COSTA, E.; VIEIRA, E.; JUCÁ, V.; BENÍCIO, L.; GOMES, C. (org.). **Psicologias em Contextos (pós) pandêmicos: saberes e fazeres insurgentes**. Fortaleza: Expressão, 2023.
- BENEVIDES, Maria Victoria. Direitos humanos: desafios para o século XXI. In: SILVEIRA, R. G. *et al.* **Educação em Direitos Humanos**: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 335-350.
- BRASIL. **LBI – Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência**. Lei 13.146 de 6 de julho. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 14 out. 2024.
- BURMAN, E. **Child as Method**. Othering, Interiority and Materialism. Londres: Routledge, 2024.
- BURMAN, E. **Desconstructing Developmental Psychology**. Londres: Routledge, 2008.

CAVALCANTE, E. B. T. O conceito de adultocentrismo na história: diálogos interdisciplinares. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 23, n. 42, p. 196-215, jul. 2021.

COUTO, M. C. V.; DELGADO, P. G. G. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. **Psicología Clínica** [online], v. 27, n. 1, p. 17-40, 2015.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 213-230, UFPR, 2008.

DEMO, P. **Ensaio 788** - Educação e(m) Direitos humanos - Questionar para defender. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <http://pedrodemo.blogspot.com/2022/04/ensaio-788-educacao-em-direitos-humanos.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. **SUR Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, n. 11, p. 65-77, dez. 2009.

DURLAK, J. A.; WEISSBERG, R. P.; DYMICKI, A. B.; TAYLOR, R. D.; SCHELLINGER, K. B. The impact of enhancing students' social and emotional learning: a meta-analysis of school-based universal interventions. **Child Development**, v. 82, n. 1, p. 405-432, 2011.

FARO, A.; BAHIANO, M. A.; NAKANO, T. C.; REIS, C.; SILVA, B. F. P.; VITTI, L. S. Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e200074, 2020.

FERIGATO, S.; CAMPOS, R. O.; BALLARIN, M. O atendimento à crise em saúde mental: ampliando conceitos. **Revista de Psicología da UNESP**, v. 6, n. 1, 2007.

GALLARDO, I.; LEIVA, L.; GEORGE, M. Evaluación de la Aplicación Piloto de una Intervención Preventiva de Salud Mental en la Escuela: Variaciones en la Desadaptación Escolar y en la Disfunción Psicosocial Adolescente. **Psykhe**, Santiago, v. 24, n. 2, nov. 2015.

GARCIA MOREY, A.; CASTELLANOS CABRERA, R.; ÁLVAREZ CRUZ, J.; PÉREZ QUINTANA, D. Aislamiento físico en los hogares a causa de la COVID-19: efectos psicológicos sobre niños y adolescentes cubanos. La Habana: Representación Unicef, 2020.

GDF. **Manual da Orientação Pedagógica da Orientação Educacional**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEEF, Brasília, 2019. p. 23.

GONZÁLEZ REY, F. **Comunicación, personalidad y desarrollo**. Cuba: Pueblo y Educación, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología Cualitativa y Subjetividad**. São Paulo: Educ, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. Epistemología y ontología: un debate necesario para la psicología hoy. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 109-126, jun.-dez. 2009.

GONZÁLEZ REY, F. L.; GOULART, D. M. Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 13-33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50573>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GONZÁLEZ REY, F. La significación de Vygotsky para la consideración de lo afectivo en la educación. **Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación**, Costa Rica, v. 9, 2009.

GONZÁLEZ REY, F. La subjetividad en psicología: su importancia para una psicología crítica. In: OSORIO, J. M. F.; BRAVO, O. (org.). **Caminando por las veredas de la psicología**. Cali: Universidad ICESI, 2022, p. 29-46.

GONZÁLEZ REY, F. **Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo**. Colombia: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os Processos da Construção de Informações. São Paulo: Pionera Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisas Cualitativas em Psicología**: Caminhos e Desafios. São Paulo: Pionera Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, Subjetividade e Pós-Modernidade**. Uma Aproximação Histórico-Cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade**: uma Aproximação Histórico-Cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

GONZÁLEZ REY, F., **Subjetividade e saúde superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ REY, F.; BIZERRIL, J. **Saúde, cultura e subjetividade**: uma referência interdisciplinar. Brasília: UniCEUB, 2015.

GONZÁLEZ REY, F.; GOULART, D.; BEZERRA, M. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 39, p. 54-65, 2016.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. The Constructive-Interpretative Methodological Approach: Orienting Research and Practice on the Basis of Subjectivity. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. (org.). **Subjectivity within cultural-historical approach**: theory, methodology and research. Singapore: Springer, 2019. p. 37-60.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ; ROSSATO, M.; GOULART, D. M. The Relevance of the concept of Subjective Configuration in Discussing Human Development. In: FLEER, M.; GONZÁLEZ REY, F.; VERESOV, N. P. **Emotions and Subjectivity**. Advancing Vygotsky's legacy. Singapore, v.1, p. 217-243, 2017.

GOULART, D. **Crisis, Dialectics, and Subjectivity within Cultural-historical Approach**: Constructing a dialogue Between Dafermos and González Rey. [S. l.: s. n.], 2022. (Human Areas).

GOULART, D. M. Autonomia, saúde mental e subjetividade no contexto assistencial brasileiro. **Revista Científica Guillermo de Ockham**, [S. l.], v. 11, n. 1, jan.-jun. 2013.

GOULART, D. M. **Educação, saúde mental e desenvolvimento subjetivo**: da patologização da vida à ética do sujeito. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2017.

GOULART, D. M. Human health and subjectivity: history, development and unfolding. In: GOULART, D. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ADAMS, M. (org.). **Theory of Subjectivity from**

a Cultural-Historical Standpoint: González Rey's legacy. Singapore: Springer, v. 1, p. 200-225, 2021.

GOULART, D. M. **Introdução à Teoria da Subjetividade de González Rey.** Atividades de preparação do III Simpósio Nacional e I Simpósio Ibero-Americanano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade – Encontros 1 e 2. [S. l.: s. n.], 2021(curso *online*).

GOULART, D. M. Saúde mental e aprendizagem na escola no contexto (pós) pandêmico: desafios e possibilidades. **Revista Com Censo #32**, [S. l.], v. 10, n. 1, mar. 2023.

GOULART, D. M. **Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade.** São Paulo: Cortez, 2019.

GOULART, D. M. Saúde Mental, práticas profissionais e pesquisas em diferentes contextos: reflexões a partir da teoria da subjetividade. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M.; ROSSATO, M.; PUENTES, R. V. **Teoria da Subjetividade e epistemologia Qualitativa:** práticas profissionais e pesquisas. Campinas: Alínea, 2024.

GOULART, D. M.; FARIAS, I. S. Desafios do ensino remoto e saúde mental na pandemia de covid-19: um relato de experiência. In: ROSSATO, M.; MADEIRA-COELHO, C.; ANACHE, A. A. (org.). **O que aprendemos com a pandemia?** Reflexões orientadas pela Teoria da Subjetividade sobre os processos de ensinar e aprender. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023. p. 303-332.

GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F. Subjetividad, sujeto y salud mental: un estudio de caso más allá de la lógica de la patología. **Alternativas Cubanias en Psicología**, [S. l.], v. 8, p. 14-35, 2020.

GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F.; PATIÑO TORRES, J. El estudio de la subjetividad de profesionales de la salud mental: una experiencia en Brasilia. **Athenaea Digital**, v. 19, n. 3, nov. 2019.

GOULART, D. M.; MARTÍNEZ, A. M.; ESTEBAN-GUITART, M. The trajectory and work of Fernando González Rey: paths to his Theory of Subjectivity (Trayectoria y obra de Fernando González Rey: caminos hacia su Teoría de la Subjetividad). **Estudios de Psicología**, [S. l.], v. 41, p. 9-30, 2020.

GOULART, D. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: histórico, momento atual e desafios. In: CAMPOLINA, L. O.; SANTOS, G. C. S. (org.). **Desenvolvimento e aprendizagem:** contribuições atuais da teoria cultural-histórica da Subjetividade. Curitiba: CRV, 2023. p. 35-58.

GOULART, D. M; ALCANTARA, R. (org.). **Educação escolar e subjetividade:** desafios contemporâneos. Rockville: Global South Press, 2016.

GOULART, D. M; GONZÁLEZ REY, F. L. Cultura, educación y salud: una propuesta de articulación teórica desde la perspectiva de la subjetividad. **Revista de Epistemología, Psicología y Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 1, p. 17-32, 2016.

GOULART, D. Saúde mental, educação e desenvolvimento subjetivo: o trabalho voltado para uma ética do sujeito. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.; VALDES PUENTES, R. **Epistemologia Qualitativa e teoria da subjetividade.** Parte III Subjetividade e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019.

GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no ocidente. **Adolescência & Saúde**, [S. l.], v. 7, n. 3, jul. 2010.

HAWRYLUCK, L.; GOLD, W. L.; ROBINSON, S.; POGORSKY, S.; GALEA, S.; STYRA R. SARS Control and psychological effects of quarantine. *Emerg. Infect. Dis.*, Toronto, v. 10, n. 7, p.1206-1221, 2004.

HENDREN, R.; BIRREL, R. W.; ORLEY, J. H. **Mental Health Programmes in Schools**. Genebra: [s. n.], 1994.

HERZOG, F. F.; RIBEIRO, A. C.; WELTER, L. S.; SENHEM, G. D.; SILVEIRA, L. B. T. D.; FREITAS, F. F. Vivências de adolescentes com sintomas depressivos em contexto escolar. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 10, e69, p. 1-17, 2020.

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, [S. l.], v. 36, 2020.

JUCÁ, V. J. D. S. A clínica com adolescentes: travessia pandêmica e saúde mental. In: JUCÁ, V. J. D. S. (org.). *Saúde mental da criança e do adolescente em contextos institucionais públicos*. Fortaleza: CEPC, 2023.

KUHN Junior, N.; MELLO, B. B. A noção de infância e adolescência: inflexões decoloniais sobre os direitos de crianças e adolescentes na América Latina. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, [S. l.], v. 12, n. 24, jul./dez. 2020.

LAMAS, M. Educación emocional, contribución de la escuela a la salud mental infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*, [S. l.], n. 62, 2013.

LUSTOSA, A. V. M. F. A expressão da subjetividade no contexto da educação inclusiva: complexidade e desafios. *Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica* [S. l.], v. 3, n. 1, p. 114-134, 2019.

LUSTOSA, Ana Valeria Marques Fortes. A expressão da subjetividade no contexto da educação inclusiva: complexidade e desafios. *Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 114-134, jan.-abril 2019.

MAIA, C. **11 de novembro: Dia de luta contra a medicalização da educação e da sociedade**. Brasília: Conselho Nacional de Psicologia do DF, 2021. Disponível em: <https://www.crp-01.org.br/notices/9034>. Acesso em: 14 out. 2024.

MAIA, Z. **Pandemia prejudicou condição psicológica de estudantes, mostra pesquisa**. Agência do Senado, Brasília, 2022.

MAIOR, I. M. M. L. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. *Inclusão social*, v. 10, n. 2, 2017.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELO, A. K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V. Depressão em adolescentes: revisão de literatura e o lugar da pesquisa fenomenológica. *Psicol. Cienc. Prof.*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 18-34, 2017.

MIGNOLO, W. Colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: Lander, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Colección sur, 2005.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A Inclusão escolar: desafios para o psicólogo. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (org.). **Psicologia escolar e compromisso escolar**: novas discussões e novas práticas. Campinas: Alínea, 2005. p. 109-133.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária? In: Tacca, M. C. (org.). **Aprendizagem e Trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2006.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Criatividade, personalidade e educação**. Campinas: Papiros, 1997.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **La dimensión subjetiva del aprendizaje**. Conferência *online* organizada por Postgrado MIPE-DIPE. Espanha: Universidad de Barcelona, 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. TACCA, M. C.; PUENTES, R. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica**. Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. A preparação para o exercício da profissão docente – contribuições da teoria da subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A. **Formação de educadores e psicólogos**: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. [S. l.]: Appris Editora, 2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; NEUBERN, M.; MORI, V. **Subjetividade contemporânea**. Discussões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Alinea, 2014.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SANTOS, G. C. A subjetividade social da escola e os desafios da inclusão de alunos com desenvolvimento atípico. Ver. **Bras. Esp.**, Marilia, v. 22, n. 2, p. 253-268, abr.-jun., 2016.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades da aprendizagem**. Ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência. Campinas: Alínea, 2011.

MONTEIRO, K. A. C. A prática clínica em instituições com criança e adolescentes. In: MONTEIRO, K. A. C. **Saúde Mental da criança e do adolescente em contextos institucionais públicos**. Fortaleza: CEPC, 2023.

MOURÃO, R. F.; GOULART, D. M. O Delírio além do sintoma: reflexões a partir da teoria da subjetividade. **Subjetividades**, [S. l.], v. 19, p. 1-13, 2019.

MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. Controle e medicalização da infância. **POPSIC**. Periódicos eletrônicos de psicologia, Rio de Janeiro, 2013.

MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. **Novos modos de vigiar, novos modos de punir**. A patologização da vida. São Paulo: Educação, Sociedade e Culturas, 2020.

MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. Sobre diferenças, desigualdades, direitos: raízes da patologização da vida. In: TOGNI, L.; MOYSÉS, M. A. **Saúde mental infanto-juvenil**. Territórios, políticas e clínicas de resistência. Santos: UNIFESP/Arasme, 2019.

MUGNATTO, S. Pandemia agravou casos de saúde mental. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/896586-pandemia-agravou-casos-de-saude-mental-entre-estudantes-apontam-especialistas/>. Acesso em: 14 out. 2024.

NOZU, W. C. S; ICASATTI, A. V.; BRUNO, M. M. G. Educação inclusiva enquanto um direito humano. **Inclusão Social**, [S. l.], v. 11, n. 1, jul.-dez. 2017.

O'REILLY, M. *et al.* Review of Mental Health promotion interventions in schools. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, [S. l.], v. 53, n. 7, p. 647-662, 2018.

OLIVEIRA, A. C. Colonialidade do poder adultocêntrico e/nos direitos de crianças e jovens. **Culturas Jurídicas**, Santa Catarina, v. 8, n. 20, maio 2021.

OLIVEIRA, A. C. **Colonialidade e adultocentrismo**. Entrecruzamentos raciais na colonial modernidade. [S. l.]: Dialética, 2023.

OLIVEIRA, A. M. C.; GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F. Processos subjetivos da depressão: construindo caminhos alternativos em uma aproximação cultural-histórica. **Fractal – Revista de Psicologia**, v. 29, p. 252-261, 2017.

OLIVEIRA, B. D. C. **Promoção de saúde mental de crianças e adolescentes na rede escolar: desafios para a atenção psicossocial e a intersetorialidade**. 2021. Tese (Doutorado em Saúde Mental – Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, L. A.; JACÓ-VILELA, A. M. Saúde mental de crianças e adolescentes: caminhos da construção do cuidado no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, [S. l.], v. 11, n. 30, p. 125-144, 2019.

OLIVEIRA, M. C.; GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F. Processos subjetivos de depressão: construindo caminhos alternativos em uma aproximação cultural-histórica. **Fractal, Ver. Psicol.**, v. 29, n. 3, p. 252-261, 2017.

OLIVEIRA, N. F.; SAVARIS, L.; HOLANDA, A. F. Do Isolamento ao sintoma: demandas e repercussões na saúde mental em tempos de pandemia. **PsicoFAE**: Plur. em S. Mental, Curitiba, v. 12, n. 1, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 14 out. 2024.

ORMISTON, H. E. *et al.* Educator perspectives on mental health resources and practices in their school. **Psychol. Schs.**, [S. l.], v. 58, p. 2148-2174, 2021.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1989.

PALACIO, D. Q. A.; PINTO, A. G. A.; MONTE, T. C. L. *et al.* Saúde mental e fatores de proteção entre estudantes adolescentes. **Interação**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 72-86, 2021.

PATIÑO TORRES, J. Salud mental y subjetividad. Pensando en el mundo universitario pos pandemia. In: OREJUELA, G. J. *et al.* **Reimaginar el futuro pos-pandemia**. Cali, Colombia: Editorial Universidad Santiago de Cali, p. 68-82, 2020.

PATIÑO TORRES, J.; GOULART, D. M. La Epistemología Cualitativa y la metodología constructivo-interpretativa: una propuesta para el estudio de la subjetividad. **Estudios de Psicología**, v. 41, p. 53-73, 2020.

PAULINO, T. L. R.; CUADRA-MARTÍNEZ, D. J.; DE SOUZA, R. A.; FIORANELLI, N., M. O sofrimento emocional em adolescentes em tempos de pandemia do Covid-19. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. esp. 3, p. e022095, 2022.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 6, 1997.

PLETSCH, M. D. O que há de especial na educação especial brasileira? **Momento: diálogos em educação**. [S. l.], v. 29, n. 1, p. 57-70, jan.-abr. 2020.

POOLE, A. Re-teorizando o conceito de fundos de identidade a partir da perspectiva da Subjetividade. **Cultura e Psicologia**, [S. l.], p. 1-16, 2019.

PORTILLO, N.; MORGAN, M.; GALLEGOS, M. **Psychology and covid-19 in the Americas**. Suiça: Springer, 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Colección sur, 2005.

RAMIREZ, M.; RODRIGUES, F.; MUSTELIER, B. R. Salud mental en la infancia y adolescencia durante la pandemia de COVID-19. **Rev. Cubana Pediatría**, Habana, v. 92, supl. 1, feb. 2020.

REIS, M. E.; COELHO, E. C. **Impacto da Covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente “a ponta do iceberg”**. Brasília: Unicef Brasil, 2021.

SANTOS, B. S. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SANTOS, B. S (org). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 429-461.

SARAMAGO, J. **Carta Universal de deveres e obrigações dos seres humanos**. [S. l.]: Fundação Saramago, 2017. Disponível em: https://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2021/05/PT-declaracao_deveres_humanos_paginada.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

SCHMIDT, B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID -19). **Estudos de Psicología**, Campinas, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590982-0275202037>. Acesso em: 14 out. 2024.

SILVA PAULA, F.; VERDIANI TFOUNI, L. A persistência do fracasso escolar: desigualdade e ideologia. **Revista Brasileira Orientação Profissional – PePsic**, São Paulo, v.10, n. 2, 2009.

TEIXEIRA, P. E. L. **Adolescências e juventudes: por paradigmas pedagógicos dialogizantes e intergeracionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.

TEIXEIRA, S. **A educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2022.

UNESCO. **Declaração de Incheon**. Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos. Incheon, Coreia do Sul: UNESCO, 2015.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades especiais.** Salamanca, Espanha: UNESCO, 1994.

UNICEF. **No dejemos que los niños sean las víctimas ocultas de la pandemia de COVID-19.** Chile: Representación Unicef, 2020.

UNICEF. **Salud mental e infancia en el escenario de la COVID-19.** Chile: Representación Unicef, 2020.

UNTOIGLICH, G.; CERREDELO, R.; GOMEZ, M.; RAPPA, Y. De inclusiones y exclusiones. **Rev. Educ.**, Campinas, set.-dez. 2017.

UNTOIGLICH, G.; Medicinalización y patologización de la vida: situación de las infancias en Latinoamérica. **Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente**, v. 25, n. 1, p. 20-38, jan.-abr. 2014.

VASCONCELOS, E. M. **Novos horizontes em saúde mental.** Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuário(as) e familiares. Parte III – Direitos humanos: a convenção da ONU, lei brasileira de inclusão e documentos recentes da ONU/OMS para o campo da saúde mental. São Paulo: Hucitec, 2021.

VAZQUEZ, D. *et al.* Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia do Covid 19. **Saúde Debate**, [S. l.], v. 46, n. 133, abr.-jun. 2022.

VENTURA COUTO, M. C. **Frente debate saúde mental infanto-juvenil em Assembleia Legislativa do Espírito Santo Redação Web Ales.** (Versão digital). [S. l.: S. n.], 10 maio 2024.

VENTURA COUTO, M. C. **Se não agora, quando.** Estratégias para o avanço da atenção psicossocial de crianças e adolescentes. (seminário *online* – PPGSC IMS-UERJ). Rio de Janeiro: UERJ, 16 ago. 2024.

VENTURA COUTO, M. C.; DELGADO, P. G. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafio atuais. **Psic. Clín.**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 17-40, 2015.

VIEIRA, C.; OMOTE, M. C. Atitudes sociais de professores em relação à inclusão: formação e mudança. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 27, e0254, p. 743-758, 2021.

WANG, G.; ZHANG, Y.; ZHAO, J.; ZHANG, J.; JIANG, F. **Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak.** [S. l.]: Lancet, 2020.

WANG, T.; DEGOL, J. School climate: a review of the construct, measurement, and impact on student outcomes. **Educ. Psychol. Rev.** [S. l.], v. 28, n. 2, p. 315-352, 2015.

WILCKS-NELSON, R.; ISRAEL ALLEN, C. **Psicopatología del niño y del adolescente.** Madrid: Pearson Educación SA, 1997.